

Luís Miguel e  
Karina com os dois  
filhos, Isaac e  
Yamileth, na Cidade  
do México.



POR KENNETH MILLER

# Salvo

pelelo

# FUTEBOL

Luís Miguel Castañeda bebia, se drogava e morava na rua – até que um programa esportivo o ensinou a marcar gols dentro e fora do campo

**O** campo de futebol fica numa avenida movimentada na zona sul da Cidade do México, cercado por um muro de concreto. Nesta manhã, 15 jogadores se movimentam na grama artificial, treinando dribles e passes. Poucos vestem roupas esportivas. Em alguns casos, as calças *jeans* rasgadas e um par de camisetas são tudo o que têm.

Esses rapazes e moças estão sob os cuidados da Street Soccer Mexico A. C., entidade que usa o futebol para transformar a vi-

FOTOGRAFADO POR LUIS GARCIA

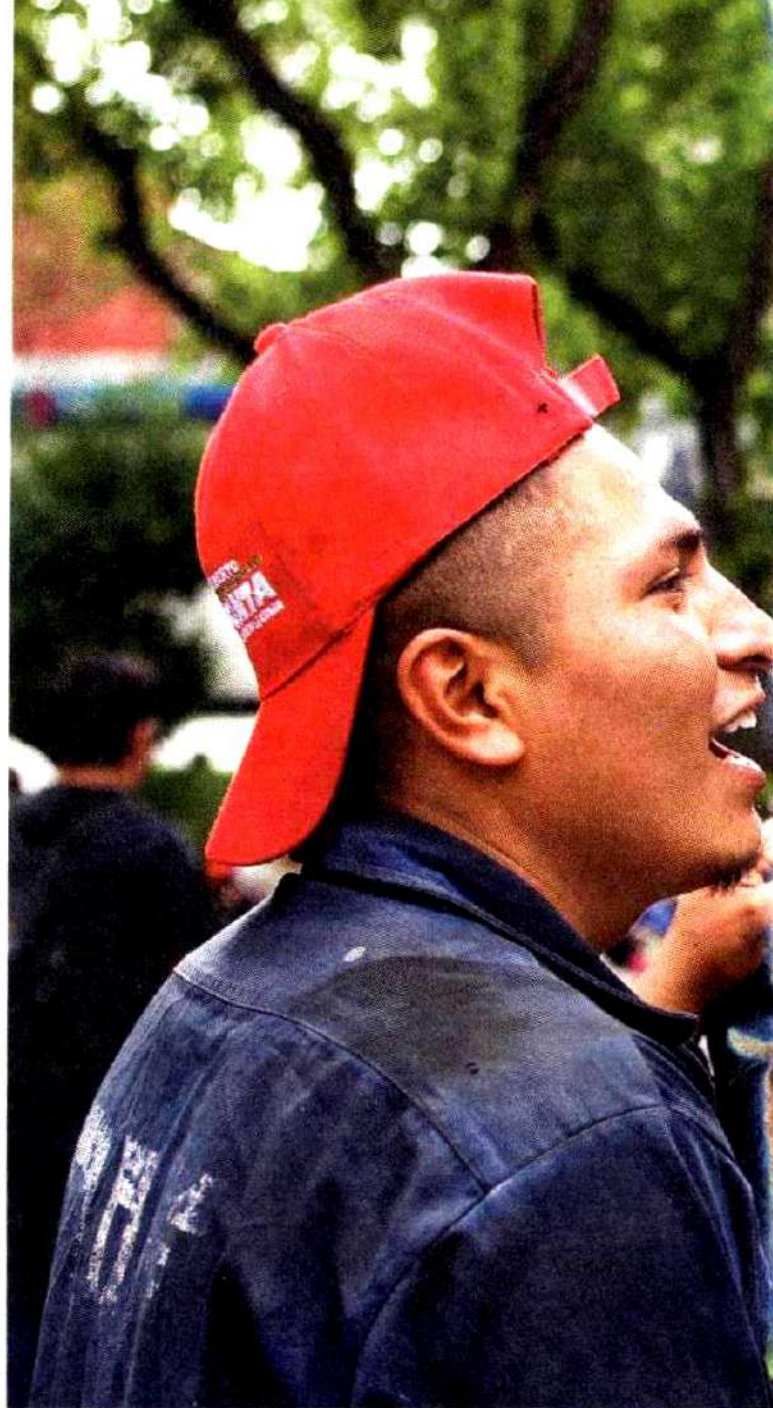
da de jovens carentes. A maioria ainda é adolescente e, em geral, fugiu de casa e sobrevive de biscates, mendicância ou pequenos delitos. Mas, nessa multidão de meninos e meninas perdidos, um jogador se destaca.

Moreno, magro e ligeiro, Luís Miguel Castañeda Martínez, 30 anos, maneja a bola com habilidade sem igual. Vestido com uma camisa polo branca e calças de moletom, dispara entre os novatos, cumprimentando-os às vezes com uma batida na mão. Eles o olham com admiração furtiva.

Luís Miguel era como eles. E, se conseguiu ser alguém, talvez eles também consigam.

**Luís Miguel nasceu** numa cidadezinha uns 65 quilômetros a oeste da Cidade do México, de mãe solteira, alcoólatra e muitas vezes ausente. Ele e os três irmãos foram criados pelos avós num barraco de dois cômodos que também abrigava vários parentes. A comida era pouca. Luís fazia serviços para os vizinhos – alimentava vacas, levava recados – e entregava o dinheiro à avó. O campinho de futebol do outro lado da estrada era o lugar onde se sentia mais feliz, jogando bola com os garotos do local.

Saiu de casa aos 12 anos, na esperança de ganhar bastante dinheiro pa-



ra mandar para a avó. Na Cidade do México, foi morar numa casa abandonada ocupada por moradores de rua. Logo entrou para um grupo de meninos que limpavam para-brisas em troca de moedas nos sinais de trânsito ao redor da Plaza de San Fernando,

“Por que quer participar do time?”, perguntou um funcionário a Luís Miguel. **“Porque vejo a oportunidade de uma vida diferente”**, foi a resposta.

Luís Miguel  
conversa com rapazes  
da Plaza de San  
Fernando.



uma pracinha junto a uma igreja do século 18.

Aos 15 anos, Luís Miguel bebia muito e usava drogas. “Ficar muito *doido* afastava a solidão”, diz ele. Isso também mascarava o frio e a fome. Ele e os colegas se juntavam nos bancos da praça e cheiravam solvente de tinta até cair num estupor delirante. Quando tinham dinheiro, bebiam e fumavam *crack*.

Luís Miguel participava com entusiasmo dos jogos de futebol organizados à porta da igreja, usando pedras

ou garrafas como traves. Mas os jogos, que em geral acabavam em briga, eram como uma paródia cruel daqueles de que tanto gostava quando criança.

Com 20 anos, Luís Miguel conheceu uma vendedora de doces miúda e de olhar suave chamada Karina. O relacionamento logo se aprofundou em amor. “Ela sempre me aceitou como eu era”, diz ele. “Admirava o fato de eu ser trabalhador. Não se importava se eu lavasse para-brisas.”

Mas a moça lhe implorou que lar-



**De volta ao antigo bairro, Luís Miguel joga com moradores.**

gasse a bebida e as drogas. Quando soube que ela estava grávida (o casal decidiu que seria o primeiro de dois filhos), Luís tentou mudar de vida, mas sempre voltava aos antigos hábitos e retornava ao grupo da San Fernando. Em 2002, Karina deu à luz um menino, e dois anos depois, uma menina. Luís Miguel se dedicava às crianças e cuidava para que nunca passassem fome. Mas a atração das ruas era forte demais para resistir por muito tempo.

“Eu encontrava Luís Miguel dormindo na praça”, diz Karina. “Levava-o para casa, mas ele sumia de novo.”

Então, certo dia, em fevereiro de 2009, um grupo de homens de terno e gravata chegou à praça, distribuindo folhetos e conversando com os jogadores. Representavam a Street Soccer Mexico, uma liga em formação afiliada à organização Homeless World Cup (Copa do Mundo dos Sem-Teto), que realiza um torneio anual de moradores de rua do mundo inteiro. Os

homens explicaram que o campeonato daquele ano se realizaria em Milão, na Itália, em setembro. A seleção nacional do México seria formada pelos oito melhores jogadores entre as equipes de todo o país. Logo começariam os testes para entrar no time da Cidade do México. O grupo da Plaza de San Fernando poderia se candidatar.

Fazia muito tempo que Luís Miguel, então com 26 anos, deixara de acreditar em contos de fadas. “Aqueles caras devem achar que somos idiotas”, comentou desdenhoso com um amigo. “Ninguém dá a ninguém uma passagem para a Itália.”

Os representantes persistiram e convidaram todos para um jogo de exibição num bairro elegante da cidade. “Vamos lá ver”, sugeriu um garoto. “Não temos nada a perder.”

Sentado nas arquibancadas com Isaac, o filho de 6 anos, Luís Miguel se espantou ao ver um camarote VIP lotado de astros da música popular

e atletas famosos. Os jogadores em campo se pareciam com ele e com os colegas, mas jogavam com precisão e trabalho em equipe. Olhando para Isaac, de repente, viu a si próprio através dos olhos do menino. A imagem o fez estremecer. No cérebro entorpecido pela bebida e pelas drogas, uma porta se abriu. E ele entendeu que lhe ofereciam uma oportunidade de recomeçar.

Nos testes, os candidatos tinham de preencher um formulário detalhando as circunstâncias da vida, inclusive o uso de álcool e drogas. Em seguida, houve um torneio de dois dias. Depois de passar anos maltratando o corpo, Luís Miguel estava muito fora de forma; três minutos de corrida o deixaram ofegante. Ainda assim, os avaliadores da Street Soccer procuravam indivíduos que quisessem realmente agarrar a oportunidade, e viram a sua determinação. Quando os jogos terminaram, eles entrevistaram os candidatos mais promissores.

- Por que quer participar do time?  
- perguntou um funcionário a Luís Miguel.

- Porque vejo a oportunidade de uma vida diferente. Porque quero mudar, por mim e pela minha família.

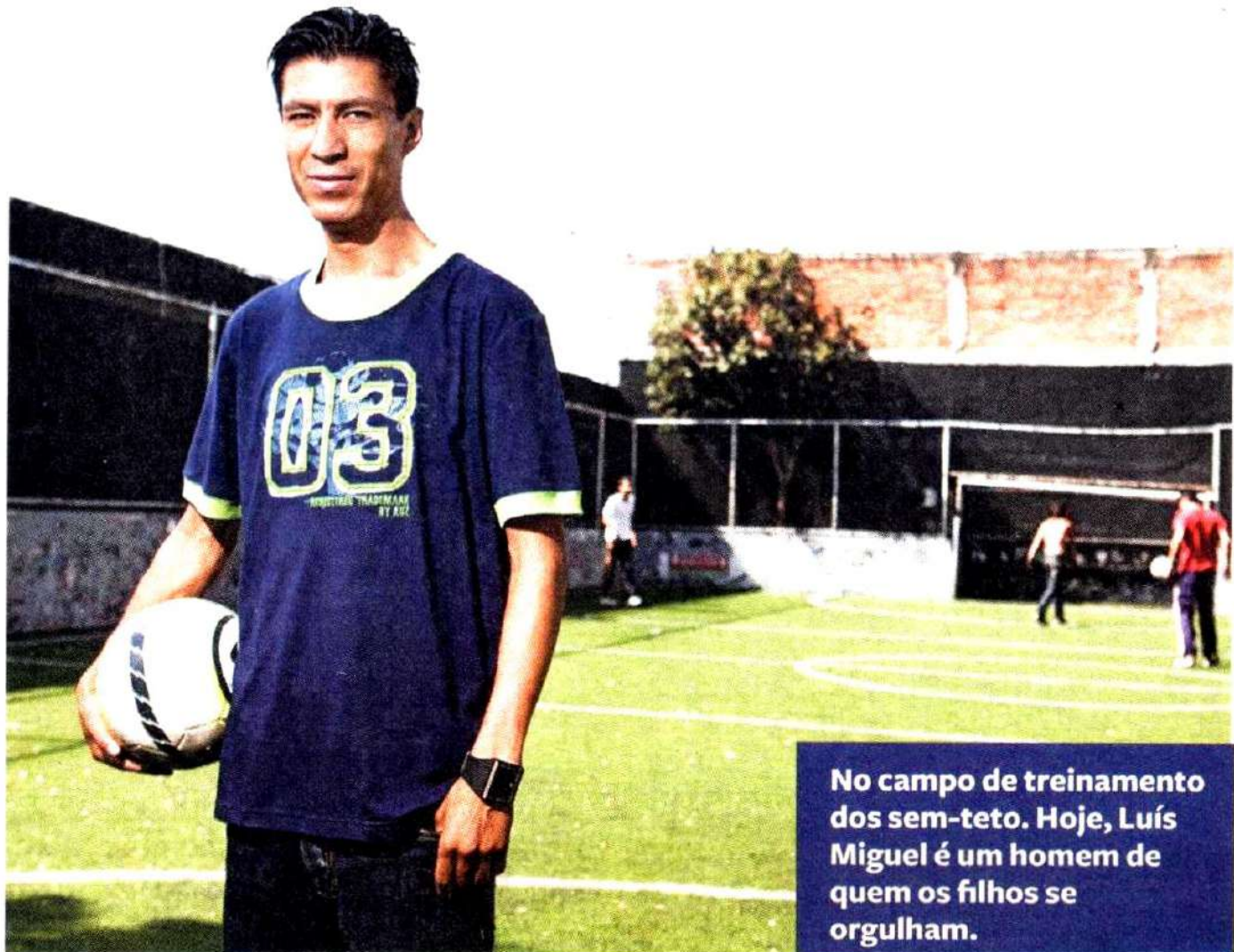
Luís Miguel foi aceito. Nos dois meses seguintes, ele e os colegas da equipe treinaram toda quarta e todo sábado. Em cada treino, um psicólogo realizava oficinas sobre temas que iam da higiene pessoal ao respeito e à responsabilidade. Luís Miguel começou a reduzir o consumo de tóxicos e a passar mais tempo com Karina, Isaac e Yamileth. A família se abriu para ele como as flores do deserto recebem a tão esperada chuva.

A princípio, ele se sentiu insuportavelmente ansioso sem a muleta química, e às vezes voltava para o banco da praça e se inclinava sobre uma latinha de solvente. Mas, conforme as semanas se passavam, a necessidade começou a diminuir. A habilidade no futebol também aumentava gradativamente. “Quando começou, Luís Miguel era um dos piores jogadores”, afirma Gerardo Partida, um dos fundadores da Street Soccer Mexico. “Mas sua dedicação fez com que ele se destacasse.”

Naquele verão, quando o torneio nacional foi realizado, o time da Cidade do México ficou em terceiro lugar. Na cerimônia de encerramento, o locutor leu a lista dos jogadores escolhidos para o campeonato mun-

## COMO COMEÇOU O FUTEBOL DOS SEM-TETO

**A entidade Homeless World Cup (HWC)** foi fundada em 2001 pelo empreendedor social escocês Mel Young e pelo jornalista austríaco Harald Shmied. O primeiro torneio internacional se realizou em 2003, em Graz, na Áustria. Hoje, mais de 70 países têm ligas filiadas à HWC. Cada país manda seus oito melhores jogadores para competir nos jogos anuais.



**No campo de treinamento dos sem-teto. Hoje, Luís Miguel é um homem de quem os filhos se orgulham.**

dial. Quando o nome de Luís Miguel foi chamado, ele e a família pularam, aos gritos. Ele abraçou Yamileth com tanta força que ela disse: “Papí, você está me machucando!” Mas o abraçou com mais força ainda.

Luís Miguel foi à igreja e jurou à Nossa Senhora que permaneceria sóbrio. E, em setembro, embarcou pela primeira vez num avião, para ir até a Europa.

**A estranheza de Milão**, das ruas cheias de nativos altos e louros até os pratos cheios de macarrão, fez a cabeça de Luís Miguel girar. Mas na competição ele manteve uma concentração feroz. O campo de futebol na rua tem um terço do tamanho do campo oficial. Cada time tem quatro jogadores e as partidas duram 14 minutos. É um jogo

rápido e intenso. Luís era o principal artilheiro do time e reagiu ao primeiro gol com tantos pulos e gritos que o treinador o deixou algum tempo no banco. O México venceu aquele jogo e terminou o campeonato em sétimo lugar entre os 48 países participantes. A classificação o deixou na elite da Copa do Mundo dos Sem-Teto.

No voo de volta, Luís Miguel tomou consciência de uma nova sensação: o impulso de dividir com os outros sua boa sorte. *Ganhei uma viagem*, disse a si mesmo. *Agora quero que meus amigos também ganhem alguma coisa.*

**Pouco depois de voltar**, Luís Miguel foi convidado a fazer parte da equipe organizadora da Street Soccer Mexico, o primeiro emprego de verdade que teve na vida. Começou co-

mo mensageiro, depois passou para a manutenção dos campos e a organização dos torneios estaduais. Ele voltou a estudar e passou a ter um novo sentido na vida, tanto como pai de família quanto como mentor de outros meninos de rua.

No início de 2010, voltou à Plaza de San Fernando, não para usar drogas, mas para recrutar jogadores. Ele e o amigo José Alberto Hernández Villegas, também do time, falaram com meia dúzia de lavadores de para-brisas que passavam o tempo nos bancos.

– Caras, que tal virem jogar comigo? – convidou Luís Miguel.

– Você não é aquele que foi para a Itália? – perguntou um garoto com um borrifador na mão.

– Ele é o *cabrón* de sorte – respondeu José Alberto, sorrindo. Os garotos crivaram Luís Miguel de perguntas sobre a viagem. No fim, todos o seguiram até o campo de futebol do outro lado da cidade.

**Desde então, ele levou** mais de 50 jovens para a Street Soccer e os ajudou não só com o talento em campo como também nas lutas fora dele. Com seu estímulo, eles conseguiram empregos de verdade, mesmo que só distribuindo folhetos. Quando os jogadores precisam se esforçar para superar o vício, ele os encoraja nos momentos difíceis.

Foi o que fez por Adán Acevedo, 25 anos, lavador de para-brisas e ex-fumante de crack, que o seguiu até o campo dois anos atrás. Quando

faltava aos treinos, Luís Miguel ia procurá-lo. “Sei que é difícil. Mas você tem de lutar”, dizia. “Sei que consegue se manter sóbrio.”

Adán continua longe das drogas. Artista de talento, aconselha-se com o psicólogo da entidade para encontrar uma carreira na qual possa usar sua capacidade. E, pela primeira vez desde a infância, ele diz: “Tenho esperança.”

**Hoje Isaac tem 10 anos** e Yamileth, 8. Na sala de jantar do apartamento, as crianças se juntam aos pais para saborear tigelas de banana com sorvete. Formam uma família tão bonita e tão generosa nos abraços que é difícil imaginar que já tiveram outra vida. Mas Karina se lembra muito bem:

“Antes de começar no futebol, Luís Miguel passava dias longe. Hoje ele ajuda Isaac com o dever de casa e comparece às festividades da escola de Yamileth.” Karina e Luís Miguel trocam um olhar amoroso enquanto a menina sobe no colo do pai.

Agora em outubro, entre os dias 6 e 14, acontecerá a décima Copa do Mundo dos Sem-Teto, na Cidade do México. Os jogos serão disputados na Plaza de La Constitución, e a seleção mexicana terá Luís Miguel como técnico. Sua família estará na arquibancada torcendo.

*A Copa do Mundo dos Sem-Teto de 2012 terá um número recorde de participantes: 72 países – da Argentina ao Zimbábue –, e 16 deles serão representados por times femininos também.* ■